

## Análise de gênero da agricultura urbana em Kampala, Uganda

**Grace Nabulo** - [gnabulo@sci.mak.ac.ug](mailto:gnabulo@sci.mak.ac.ug)

Department of Botany, Makerere University, Kampala, Uganda

**George Nasinyama** - [nasinyama@vetmed.mak.ac.ug](mailto:nasinyama@vetmed.mak.ac.ug)

Department of Veterinary Public Health and Preventive Medicine, Faculty of Veterinary Medicine, Makerere University, Kampala, Uganda.

**Diana Lee-Smith** - [d-lee.smith@cgiar.org](mailto:d-lee.smith@cgiar.org)

CIP/Urban Harvest Sub-Saharan Africa Region Co-ordinator, Nairobi, Quênia

**Donald Cole** - [Donald.cole@utoronto.ca](mailto:Donald.cole@utoronto.ca)

Department of Public Health Sciences, University of Toronto, Canadá

Foto: Grace Nabulo - Vários fatores levam as mulheres a produzirem os cultivos menos lucrativos

A agricultura urbana em Kampala ocorre principalmente em áreas livres que incluem muitos terrenos institucionais e os "mailo" (propriedade privada), mas também ocorre em áreas de risco, como antigos lixões, alagadiços e ao longo de estradas.

Os antigos lixões são usados para a produção de alimentos e hortaliças, e alguns deles oferecem condições para que os produtores vivam neles em barracos improvisados. Além disso, as águas servidas, inclusive industriais, são canalizadas e despejadas nessas áreas baixas, e quem cultiva nessas áreas está portanto mais exposto a variados impactos na saúde. Por outro lado, o manejo inadequado dessas águas pode levar à contaminação dos alimentos lá produzidos, inclusive das hortaliças. Essa situação não conta com a aprovação da municipalidade, mas continua existindo.



Embora considerada como ilegal pelas autoridades municipais, a agricultura urbana continua sendo praticada tanto por homens quanto por mulheres. Entretanto a divisão das tarefas, nas famílias agricultoras urbanas, expõe os homens e as mulheres a diferentes riscos à saúde (Flynn, 1999). As mulheres são mais vulneráveis aos impactos à saúde por causa das variadas tarefas que devem realizar. Por exemplo, as mulheres e as crianças gastam longas horas vendendo os produtos pelas ruas, ficando assim mais expostas aos poluentes e metais

pesados liberados pelo trânsito.

Os maiores riscos potenciais para a saúde associados à agricultura urbana têm sido classificados como físicos, químicos, biológicos e psicossociais (Cole e outros, 2003). Os riscos físicos podem incluir ferimentos com objetos cortantes e perfurantes como garrafas quebradas e agulhas presentes nos antigos lixões. Os riscos químicos incluem a exposição por contato da pele com substâncias químicas, a inalação da poeira liberada por solos contaminados ou de emissões gasosas poluentes, e a ingestão de alimentos contaminados por lixo tóxico no solo e na água. Os riscos biológicos podem incluir a infecção por parasitas patogênicos, bactérias e outros vetores de doenças, como mosquitos propagadores da malária que podem se multiplicar entre as folhas de alguns cultivos e organismos que têm ciclos biológicos parte em seres humanos e parte em outros meios (vegetais e animais) presentes na agricultura urbana. Os riscos psicossociais incluem a insegurança ligada à provisoriedade na posse da terra, a perda da área de cultivo, os furtos, a violência, o estupro de agricultoras em locais mais ermos da periferia, e o esgotamento causado por longas horas de trabalho. Esse documento focaliza principalmente a produção de alimentos em áreas que recebem resíduos sólidos ou líquidos nas áreas urbanas e periurbanas da cidade de Kampala.

## Métodos

Um estudo foi realizado na cidade de Kampala de 2001 a 2002, por meio de uma pesquisa formal que aplicou 250 questionários semi-estruturados a produtores envolvidos com o cultivo de alimentos nos antigos lixões de Lugogo, Kinawataka e Wakaliga, e nas áreas irrigadas com águas servidas em Namuwongo, ao longo do canal de Nakivubo (ver figura 1).

## Figura 1: Divisão dos trabalhos e dos benefícios

Dos agricultores que produzem em áreas contaminadas em Kampala, 55% eram mulheres, e 41% deles tinham na agricultura a sua única fonte de renda (sendo que dessa parcela, 63% eram mulheres). Uma porcentagem maior de mulheres do que de homens (34% a 30%) consumia todos os alimentos produzidos com suas famílias, enquanto 53% das mulheres e 67% dos homens vendiam parte de sua produção no mercado. As mulheres mais pobres, que se viam obrigadas a produzir nas áreas mais contaminadas de Kampala, tinham também maior possibilidade de usarem seus produtos prioritariamente para alimentar as suas famílias.

Somente 9% de todos os produtores cultivavam alimentos exclusivamente para vender (14% das mulheres e 5% dos homens). Mas essas mulheres vendiam todos os alimentos que elas produziam nas áreas contaminadas para então usar o dinheiro para comprar outros, produzidos em áreas mais seguras, para alimentar suas famílias. A maior fonte nutritiva nas casas estudadas era a banana, enquanto que a *Colocasia esculenta* (cocoyam) e o milho (*Zea mays*) eram os cultivos mais frequentes nessas áreas. Outros cultivos incluíam a mandioca (*Manihot esculenta*), a batata-doce (*Ipomoea batatas*), feijões e hortaliças.

Os homens e as mulheres estavam geralmente envolvidos em várias atividades agrícolas. Os homens pesquisados estavam envolvidos principalmente no cultivo de cana-de-açúcar e do “cocoyam” nas terras mais úmidas, enquanto que as mulheres cultivavam milho, batata-doce e hortaliças. Os homens dedicavam mais tempo aos plantios do que as mulheres.

As mulheres cultivavam os alimentos que requerem menos capital, tempo e trabalho e que alcançam menores preços. Isso acontece, em parte, por que 70% das mulheres eram casadas e tinham suas tarefas domésticas tradicionais a cumprir, como cozinhar para a família e cuidar das crianças. As mulheres, portanto, cultivavam, em pequena escala, produtos perecíveis que possam ser vendidos nas vizinhanças, ao longo das ruas, ou em algum pequeno mercado próximo, ou em uma barraquinha em frente de casa. Além disso, os produtos cultivados principalmente pelos homens se conservam por mais tempo nas prateleiras onde são comercializados e podem ser transportados a maiores distâncias para serem vendidos em mercados mais interessantes.

O principal benefício da agricultura urbana - e a razão pela qual a maior parte dos produtores se dedicava aos plantios - era a obtenção de comida: 41% dos pesquisados informaram que se beneficiavam dos alimentos que produziam de graça; 21% aproveitavam a proximidade do mercado; e 9% buscavam um reforço econômico. Mais importante, 22% dos produtores sofreriam uma crise econômica se não pudessem mais praticar a agricultura urbana (42% das mulheres e 22% dos homens). Perguntados sobre o que fariam se impedidos de plantar em áreas contaminadas, 12% dos homens (e apenas 3% das mulheres) disseram que se mudariam para onde mais houvesse terras disponíveis; 14% dos homens (e apenas 1% das mulheres) disseram que não seriam afetados. As mulheres portanto se beneficiam mais da agricultura urbana como base de sua subsistência, segurança alimentar e renda familiar.

## Acesso à terra e à água

Apenas 28% dos produtores estudados tinham total controle sobre as terras que cultivavam, 9% precisavam arrendá-las e 22% usavam terrenos disponíveis gratuitamente. As mulheres cultivavam alimentos em áreas de alto risco, tornando-se assim mais vulneráveis a diversos impactos negativos. A maior parte dos produtores não tinha acesso a água limpa; 18% deles a obtinham sem custo de alguma fonte ou poço; e 77% pagavam para usar água encanada.

Mais da metade (55%) dos produtores (e mais as mulheres do que os homens) não usava qualquer tipo de roupa de proteção enquanto trabalham em áreas contaminadas (Tabela 1). Em Uganda, cozinhar os alimentos é responsabilidade das mulheres. O estudo revelou que apenas 2% das famílias que cultivam em áreas contaminadas usavam eletricidade para cozinhar, enquanto que 22% usavam lenha (grátis) e 55% usavam carvão.

## **Tabela 1: Diferenças baseadas no gênero com relação aos benefícios, à distribuição dos recursos e aos riscos associados à agricultura urbana**

Atributos	Todos os produtores %	Mulheres %	Homens %
Casados	68	70	64
Agricultura como principal ocupação	41	47	33
Têm o controle da terra	28	25	32
Produzem e vendem os produtos	54	60	52
Possuem o que cultivam	93	93	82
Gastam a renda em necessidades domésticas	40	39	32
Usam roupas de proteção enquanto trabalham na terra	38	37	42

## Percepção dos riscos

Mais de 80% dos produtores de Kampala estavam conscientes dos riscos para a saúde ao cultivarem alimentos em áreas contaminadas. Perguntados se eles aprovavam o cultivo de alimentos em antigos lixões, 89% dos homens e 84% das mulheres disseram que não, pois não consideravam saudável, mas que eles não tinham alternativa, já que a agricultura em tais áreas era a sua única possibilidade de gerarem renda e de se alimentarem melhor. Alguns dos agricultores só admitiam cultivar nas áreas contaminadas se fosse para vender os produtos, e não para consumo próprio. Lee-Smith (2003) observaram que homens e mulheres percebem os riscos de modo diferente, dependendo do quanto sabem e do que têm a ganhar ou a perder, que também depende do que eles valorizam mais e até de quem são eles.

## Recomendações

O Conselho Municipal de Kampala deveria integrar a agricultura urbana em seus programas e planejamentos como uma medida para a redução da pobreza e aumento da qualidade dos alimentos consumidos pela população da cidade. O Conselho está atualmente revendo as posturas relacionadas com a agricultura urbana e deverá trocar informações com os variados interessados, como pesquisadores, ONGs, agências de desenvolvimento, instituições e proprietários de terras, para definir novas iniciativas e políticas públicas que promovam a agricultura em Kampala.

O Conselho deveria facilitar o desenvolvimento e o fortalecimento dos agricultores urbanos por meio da educação ambiental e da educação para a saúde relacionadas às suas práticas produtivas, bem como de medidas capazes de reduzir os potenciais impactos negativos, promovendo o uso de tecnologias de baixo custo para tratar as águas servidas, o uso de técnicas agrícolas apropriadas e a seleção criteriosa dos cultivos para minimizar a exposição dos alimentos produzidos à contaminação.

O Conselho deveria prestigiar o Departamento de Agricultura Urbana e sua equipe de extensão técnica, e articular-se com pesquisadores e com as organizações de mulheres e de jovens locais para assegurar a implementação dessas medidas preventivas.

---

## Nota

Este estudo foi possível graças ao apoio financeiro do IDRC - Agropolis.

---

## Referências

- Cole, D.C.; Diamond, M.; Bassil, K. and H. J-Otazo (2003). Health Risk and Benefit Assessment in UPA. SSA Workshop on Health Risks and Benefits of Urban and Peri-urban Agriculture. Nairobi, Kenya. 9-12 June 2003.
- Flynn, K. (1999). Urban Agriculture and Public Health: Risk Assessment and Prevention for Contamination and Zoonoses. Cities Feeding People Program Initiative. International Development Research Centre, Ottawa (draft).
- Lee-Smith (2003), Risk Perceptions, Communication and Mitigation; Community Participation and Gender perspectives. Health Risks and Benefits of Urban Agriculture and Livestock in Sub-Saharan Africa. IDRC Workshop, Nairobi. 9 - 12 June 2003.

---

[Sumario Revista No.12](#)